

MAROTINHO – EM 1965 morando em Santo André, participava de torneios, em especial de bicudos de fibra que havia na região da Alta Mogiana, até Uberaba. Uma coisa de maluco pois tinha que sair da Capital de ônibus da Cometa até Ribeirão. Às vezes chegava na madrugada de sábado para na parte da manhã pegar carona com algum amigo de Ribeirão para ir ao torneio, ou para Barretos, ou Franca, ou Uberaba. Ainda bem que eram poucos eventos por ano, mas complicado, em especial a volta. Chegava estafado tendo que trabalhar no outro dia na parte da manhã.



Meu companheiro durante todo o tempo que lá estive foi o bicudo Cajueiro do qual já escrevi a estória. Mas sempre desejava ter uma parrelha de bicudos top. Desde a minha estada em Uberaba era voz corrente que o Canto Flauta Tulin-Tulin Francano era dos melhores. Também achava, e foi o canto tipo flauta que mais perdurou, aquele que mais demorou a se extinguir, infelizmente.

Havia uns bicudos lá em Franca de altíssima qualidade de fibra, lembro-me de alguns: Jiló, Fasanelo, Rapaizinho, Louquinho Francano, Soberbo, Viajante. Eram muitos mais bons pássaros na mão dos amigos: Segundo Guaraldo, Guido, Euripinho, José Maria "Fanho", Expedito, Tomás, Waldemar, Oswaldo Franchini e muitos outros companheiros que infelizmente da minha memória escorregaram. O interessante é que todos cantavam o dialeto "Tulin". Muito bonito de se ver, parecia uma "caixa de música", muita saudade em ouvir aquelas excelências cantando.

Queria porque queria ter um deles, até porque pensava: "vai ser bom demais ter dois bicudos um cantando Ribeirão (hoje o AltaMogiana simples) e o outro canto Tulin". Naquele tempo, um bicudo que vinha me chamado a atenção era o **Marotinho**. Lindo demais, cabeça chata, bico rajado escuro, cantava posicionado em todos os poleiros da gaiola. Um show. Vai daqui e dali, juntei um dinheirão, fiquei devendo até as calças e adquiri o cobiçado bicho.

Felicidade total. O deixava em Ribeirão em casa de minha mãe, de quando em vez levava numa gaiolinha quadrada no colo, um ou outro para Santo André. Iam dando quem-quem e cantando no ônibus. Naquele tempo todos ficavam admirados: "*nossa que canto bonito, que lindo*" nenhuma crítica. Os motoristas já me conheciam e até "brincavam" comigo.

Marotinho era um bicudo maneiro fácil de mexer como o Cajueiro, fogo crônico. Não dependia de fêmea para ficar aberto (de fogo) e não esfriava longe delas. Participei em alguns torneios com ele. Lembro-me bem de um quinto lugar em Barretos, cantando muito. Porém, em todos os torneios que foi comigo tirou troféu sempre entre os dez primeiros.

Isto porque, não tinha muita produção. Lógico, ainda não se sabia das manhas e como preparar direito os bicudos para torneios. Havia uma só fêmea para dois ou três bicudos. Isso não pode. Hoje tá fácil todos sabem. Para nós foi complicado descobrir. Quem sabia, mais ou menos, não ensinava aos outros. Cada um tinha seu segredo, coisa de antigamente.

Foi duro até se entender que cada bicudo tem que ter a sua fêmea e vice-versa. A mexida durante a semana, muita fêmea, pouca fêmea. Cada bicudo tem seu jeito, mas há uma base. A sapiência que há hoje em manejo teve que passar por um processo de aprendizado de anos de acertos e erros por parte dos pioneiros que aos poucos foram descobrindo a melhor forma de lidar com os bichos, em especial, para fibra.

Havia outro problema muito complicado, os bicudos eram mateiros e então a dúvida sobre a respectiva qualidade era grande. Não se sabia direito de onde vinham, na maioria. Era um tiro no escuro, esperar muito tempo para ficar na expectativa de seria um bom pássaro ou não. Muito difícil ter um bom bicudo, pouca disponibilidade e muitas dúvidas. Ademais, ninguém desejava ou queria um bicudo com canto ruim, eram descartados e dispensados, por incrível que pareça.

Bem, o tempo foi passando e de repente percebi que **Marotinho** de uma hora pra outra passou a cantar igualzinho o Cajueiro, perdeu o estilo Tulin e estava cantando o Ribeirão limpinho. Fiquei um tanto chateado com aquilo. A

minha ideia de ter dois cantos diferentes juntos tinha ido por água abaixo. Daí que fui entender, bicudos com cantos diferente disputando no mesmo ambiente é incompatível e não perdura. Na grande maioria das vezes um entra no canto do outro ou misturam o canto. Naquele tempo não tinha, também, conhecimento sobre o manejo de bicudos para saber do respectivo comportamento em aprendizado e conservação do dialeto de canto.

Embora, estivesse satisfeito com as performances do **Marotinho**, o motivo principal de minha admiração era o dialeto Tulin dele. Por isso, perdi um pouco entusiasmo na relação. Até que em um torneio em Franca, o troquei pelo Viajante (outro Tulin) que havia ganho um torneio de forma espetacular, fui iludido. Era um bom bicudo. Só que percebi depois que manhoso demais, veio sem a fêmea e travou de vez, nem para cantar em casa serviu. O prejuízo foi grande.

Aí, fiquei sem o **Marotinho**, sem o Tulin, mas valeu por ter aprendido algumas lições sobre o comportamento dos bicudos que mais tarde me ajudaram em outras ocasiões semelhantes, inclusive evitar maus negócios já que a pancada foi grande. A sorte é que depois de muito tempo o saudoso Oswaldo Franchini nos cedeu a gravação do bicudo Soberbo, link abaixo, que me dá quando ouço, a impressão que estou ouvindo, o canto que tanto gostava, o maravilhoso Flauta Tulin-Tulin do **Marotinho**.

https://www.youtube.com/watch?v=VLbyGbtWF8Q&list=UUIw94HBD5GkxI1_-izJN-Q

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista - Ribeirão Preto SP

Multiplicar para Conservar

www.lagopas.com.br